

Noite de Sexta-feira



Ministério da Cultura e Endesa Brasil apresentam



Patrocínio



Realização





Noite de Sexta-feira

Estava escuro. No meu quarto tudo parecia iluminado pela luz dos carros que entrava pela janela. Eu podia ouvir meu coração batendo tão forte que sentia a pulsar o corpo inteiro. Me cobri até a cabeça. Nada adiantou. Pensamentos assustadores faziam minha cama parecer a boca de um monstro ou um barco no mar à noite.

Pensei que, se pelo menos dormisse, o mundo se acalmaria quando eu começasse a sonhar. Meu sonho poderia ser leve. Percebi. Era ilusão. No quarto ao lado, minha avó roncava tão alto quanto um Rocáustico do Atlântico. Era o pior mamífero que eu já tinha visto na vida. Na verdade, vi apenas no livro de ciências da minha irmã, mas pela ilustração era a pior espécie sobrevivente na terra. Se eu sonhasse, o ronco da minha avó traria o Rocáustico para o meu sonho. Foi só pensar nele que comecei a suar frio.

Minhas mãos tremiam. Lembrei que, ao amanhecer, o fatídico sábado chegaria e eu teria enfim que telefonar para Júlia, para marcar a reunião para fazer o trabalho de matemática. Júlia era bonita e inalcançável como um pássaro raro, e matemática era difícil como areia movediça.

Ao pensar em Júlia quase chorei. Não fosse minha mãe entrar no quarto de repente. Estava descabelada, de pijama e trazia nas mãos um copo. E nele o antídoto. Quente. Vi a fumaça saindo do líquido branco. Tomei. Senti o calor invadir minhas veias lentamente até atingir um estado de desmaio quase mortal. Agradei a ela antes de me entregar completamente.

“Mãe, obrigado pelo copo de leite.”